

Opinião

Fisioterapeuta, sim senhor!

Luci Hildenbrand

Fisi(o). Radical derivado do termo grego *physis, eos*. Remete à Fisiogénia – que corresponde ao desenvolvimento natural do organismo-, à Fisiognomonia – que se ocupa da arte de conhecer o caráter das pessoas a partir de seus traços fisionômicos -, à *Fisioterapia* – que trata doenças causadas por agentes físicos (Ferreira, 1976) ou, mais precisamente, que se apropria da mais ampla gama de técnicas, procedimentos e manobras compatíveis ao trato e à prevenção de patologias e lesões, bem como das seqüelas decorrentes.

Deste modo, o estudo das raízes da palavra *Fisioterapia* nos leva a compreender que ela, enquanto ciência, persegue tanto o domínio de um conjunto de conhecimentos e de práticas, como a assunção de atitudes e posturas capazes de concorrer para a cura de problemas orgânicos existentes ou, minimamente, para a superação dos fatores que induzem à dor ou que dão margem ao estabelecimento de complicações comprometedoras à qualidade das condições físicas da vida humana.

Sem contar com a respeitabilidade e a projeção social que, entendemos, lhes sejam devidas, a Fisioterapia se impõe, gradativamente, como um saber especializado que, embora não-dissociado dos demais saberes da ciência, destaca-se por suas particularidades, mostrando-se sólida e concisa na exposição de seus propósitos, princípios e fundamentos.

Despontando no cenário nacional como área de conhecimento de grande poder de sedução, tem atraído para si expressivo número de pessoas que, revelando características bastante singulares, têm intervindo na construção do imaginário social em torno do profissional que atua na área.

Relacionam-se, na maior parte das vezes, com seus pacientes de modo bastante ímpar, lidando – salvo poucas situações – com o outro, sem temer a proximidade física e o estabelecimento de relação afetivo-emocional, fato que não raro e sorrateiramente escapa ao exercício de tantas profissões.

Em verdade, nenhum paciente espera do profissional de saúde tão-somente a solução do problema que lhe aflige de imediato. Para aquele que procura a clínica, o posto de saúde, o hospital ou o serviço de assistência domiciliar, estar doente é condição que transcende a sua materialidade, porque lhe atinge por inteiro: o homem não é apenas corpo; é, no mínimo, corpo e mente, o que implica também sentimentos e emoções. Na doença, sons e sonhos são afetados, fantasias e alegrias boicotadas, a esperança da cura ou do alívio da dor parece afugentar, embora admitamos verdadeiro o ensinamento deixado por Renato Russo que diz: “mas é claro que o sol vai voltar amanhã...”

Professora no Curso de Fisioterapia da Universidade Estácio de Sá (UNESA/RJ) e do Curso de Pedagogia na Universidade Iguaçu (UNIG/RJ) Licenciada em Ciências (UFRRJ), Mestre em Educação na área de Tecnologia Educacional (UFRJ) e Doutora em Comunicação (USP), ex-docente da UFRRJ, Consultora e Assessora de Projetos nas áreas da Tecnologia Educacional, Comunicação e Educação, e Comunicação, Educação e Saúde. E-mail: luci.b@ig.com.br

Integrando equipes multidisciplinares, fisioterapeutas fazem-se presentes com distinção. Se não coagidos a implementarem a Fisioterapia de Massa – aquela em que terapeuta e paciente perdem a identidade profissional e pessoal, respectivamente – agem com o equilíbrio, com a paciência, com a força do estímulo, com a delicadeza que os caracteriza. Pegam-nos nos braços, em piscinas de águas mornais, conduzindo nossos movimentos com extrema doçura nos momentos da vida que, por distintas circunstâncias, estamos impedidos de realizar; fisioterapeutas levam-nos à esteira rolante, aos modernos aparatos destinados à fortificação muscular ou mesmo ao chão da sala própria, para exercitarmos o corpo com o auxílio de recursos físicos e naturais – que, em última instância, são uma infinidade de quinquilharias necessárias à superação das limitações físicas que demonstramos em dado momento de nossa história. Outras vezes, orientam nossa postura, quando, deitados na maca, flexionam as partes do corpo que precisam revistar; acoplam e modulam em nosso organismo tecnologias de gerações diferenciadas com o claro compromisso de tentar nos recuperar...

A tecnologia está consorciada a qualquer área da atuação do profissional que se ocupa do ramo da Saúde de expansão mais significativo nos últimos dez anos. Sem abandonar os centros de reabilitação – mormente relacionados à Ortopedia e à Neurologia -, o especialista passou a se fazer necessário no atendimento hospitalar de todas as especialidades clínicas e cirúrgicas, nos serviços de urgência e naqueles dedicados às terapias intensivas; intervindo, com frequência, na redução de complicações de saúde resultantes do longo tempo de imobilidade ou de pequena mobilidade.

Assim, saber usar a eletroterapia, proceder à avaliação funcional, analisar a marcha e a biomecânica, reeducar a musculatura corporal, investir em tratamentos e fortalecimentos de áreas ou regiões do organismo comprometidas, orientar e avaliar as atividades de hidroterapia, cinesioterapia, equoterapia e termoterapia são, dentre tantos, alguns dos domínios técnicos esperados de um fisioterapeuta na sociedade contemporânea. Outros domínios dessa ordem deixam de ser listados por razões óbvias ao leitor; entretanto não queremos deixar de grifar neste espaço – reservado para saudar o profissional em seu dia, 13 de outubro - que, se não houvesse toda essa sensibilidade, toda essa ternura, toda essa humanidade e dedicação ao paciente – coisas que nos parecem essenciais à prática profissional em Saúde – a Fisioterapia não chegaria à respeitabilidade e à projeção esperadas. Felizmente, este não é o caso. O caminho está sendo aberto por muitos e o imaginário social, aos poucos, construído por outros tantos; resta, portanto, aos que escolheram a Fisioterapia por profissão, saber trilhar as veredas próprias à área dentro dos limites da Ética e dos princípios que subjazem a mais alta dignidade profissional.

.....